

## **mundo** guerra israel-hamas

# **Encontrar comida é a maior batalha em Gaza, afirma palestina em Rafah**

Taghreed Rabee conta que perdeu 15 kg na guerra; 500 mil estão a um passo da fome, diz ONU

Victor Lacombe

**SÃO PAULO** Quando atende o telefone e ouve "como você está?", Taghreed Rabee, 27, respira fundo e diz que essa é uma pergunta difícil de se responder na Faixa de Gaza, território palestino que tem sofrido bombardeios intensos de Israel há quase cinco meses. "Ano após ano, a batalha é encontrar comida. Se você acha que comer em um dia, no dia seguinte não vai ter tanta sorte", disse a palestina nesta sexta-feira (17) à Folha. "Meu marido passa a maior parte do dia procurando, dorme duas, três horas por noite e já acorda para procurar de novo. Não tem carros nem combustível em Gaza, então às vezes ele passa cinco horas caminhando e outras cinco horas numa fila para receber comida entalada e pilão". Taghreed está em Rafah, com os dois filhos, o marido, Mohammed, e com a família da irmã, que também tem três crianças. A cidade no extremo sul de Gaza é onde se concentra mais da metade da população do território, que foi obrigada a fugir da guerra e agora aguarda uma invasão iminente de Tel Aviv.

A luta de Taghreed por comida é compartilhada por to-

dos os palestinos em Gaza. Como o bombardeio constante e a dificuldade da entrada da ajuda humanitária, mais de meio milhão de pessoas estão a um passo da fome, e todos os 2 milhões de habitantes do território estão sendo afetados em maior ou menor grau pelo desabastecimento. É o que apontam relatórios de agências da ONU. De acordo com a UNRWA, agência das Nações Unidas para refugiados palestinos, um quarto da população de Gaza, mais de meio milhão de pessoas, enfrenta "níveis catastróficos de insegurança alimentar". O comissário-geral da agência, o suíço Philippe Lazzarini, disse que Gaza está na iminência de uma fome causada pelo cerco humano e que há cada vez mais casos de caos e roubos.

Um relatório da ONU cita uma avaliação da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) de que toda a cadeia de produção de comida em Gaza foi afetada pela guerra, com 97% da água sendo agora considerada imprópria para consumo e 27% das estufas destruídas. Mais de 40% das fazendas e 600 poços de água sofreram danos, e a indústria de pesca está paralisada.



A palestina Taghreed Rabee com os filhos, Saeed, de 4 anos, e Ivana, de 6 meses. Arquivo pessoal

Com isso, a população do território depende quase inteiramente da ajuda humanitária que vem de fora, mas a quantidade de material que tem entrado é insuficiente, diz a ONU. Em fevereiro, uma média de 57 caminhões com ajuda entraram em Gaza por dia, muito abaixo dos 500 diários que a UNRWA diz que seriam o necessário. Agência afirma que proble-

mas de segurança dificultam a entrega de suprimentos, além do fato de que os dois pontos pelos quais os israelenses permitem a passagem, um em Rafah e outro em Kerem Shalom, frequentemente são fechados. Foi durante uma entrega de alimentos na Cidade de Gaza, no norte, que dezenas de palestinos foram mortos e ficaram feridos na quinta (10), quando soldados israelen-

ses dispararam contra pessoas que se aglomeravam perto de caminhões carregados de ajuda humanitária. Taghreed diz que, quando tem sorte, consegue comprar alguns legumes básicos, como batata, tomate e pepino, mas a preços exorbitantes. "Um quilo de tomate custa US\$ 10 [cerca de R\$ 50], um quilo de batata US\$ 10 [R\$ 50]. Paga-

frango congelado. Já esquecemos qual é o gosto de frutas." "Não há emprego nenhum em Gaza, nenhuma renda. Se você tinha dinheiro guardado, está usando agora para comprar comida", diz Taghreed. Ela afirma que, desde o início da guerra, já perdeu 15 quilos, e o marido, 20. "A nossa prioridade são os nossos filhos. Nós não temos importância, só o que queremos é que eles não saibam o que é a fome".

Taghreed conta ainda que não produz leite materno suficiente para a filha, Ivana, que tem cinco meses de idade, e que não consegue encontrar o alimento em Gaza. "Ela nasceu duas semanas antes de a guerra começar", diz. Na época, Taghreed morava com a família nos arredores de Khan Yunis, perto da fronteira entre Gaza e Israel. Hoje, mora em uma barraca em um campo de refugiados na cidade. A ONU estima que 12 milhões de palestinos de Gaza, mais de 80% da população, teve que fugir de casa desde o início da guerra. O Ministério da Saúde local, controlado pelo Hamas, também disse que ao menos dez crianças morreram como resultado de desnutrição e desidratação desde o início.

Taghreed é irmã do brasileiro Hasan Rabee, que foi repatriado na primeira leva de cidadãos resgatados de Gaza pelo governo Lula, no dia 14 de novembro. Ela não tem cidadania brasileira, e diz que espera que Brasília possa tirá-los de lá em breve também. "Não há vida em Gaza, e mesmo que a guerra termine, não vai haver vida. Não temos mais onde morar. Não há lugar seguro em Gaza."



Palestinos rezam ao lado de mesquita destruída por Israel em Rafah, no sul da Faixa de Gaza. SUDANES/APF

## **Brasil diz que governo de Israel 'não tem limite ético ou legal'**

Mayara Paixão

**SÃO PAULO** Um dia após os relatos das mortes de dezenas de civis que aguardavam em fila por ajuda humanitária em Gaza, o Itamaraty voltou a criticar as ações de Israel no território palestino, empregando alguns de seus termos mais duros desde o início do conflito. "O governo [de Binayamin] Netanyahu volta a mostrar, por ações e declarações, que a ação militar em Gaza não tem qualquer limite ético ou legal", escreveu a pasta do governo Lula (PT) em nota na manhã desta sexta-feira (17).

Um dia antes, a facção palestina Hamas havia dito que mais de 100 civis palestinos morreram em meio a tiros de

tropas israelenses enquanto aguardavam ajuda humanitária ao lado de caminhões. "Tel Aviv argumenta que os tiros de seus militares, 'acados, teriam matado somente civis', mas a maioria dos mortos e ferimentos foi causada pela aglomeração de pessoas nos caminhões, que teriam levado a atropelamentos e espirocamientos". No texto, o Ministério das Relações Exteriores, comandado por Mauro Vieira, disse que "as ações de Israel em meio aos dois meses de guerra, transportavam ajuda humanitária doméstica para a região de Gaza, e agora aguarda uma invasão iminente de Tel Aviv".

Lula chama guerra de carnificina e defende fim da 'matança'

Marianna Holanda

**BRASÍLIA** O presidente Lula iniciou sua sexta (17) a crise na Faixa de Gaza como uma "carnificina" e pediu o fim do que descreve como "matança". A declaração foi feita durante a cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), que ocorre em São Vicente e Granadinas, um dia após o Exército israelense atirar contra civis em Gaza que faziam fila por

comida, deixando mortos e feridos —ataque também citado por Lula em sua fala. O presidente propôs que a Celac faça uma moção pelo fim imediato dos ataques de Israel à região e pediu que o secretário-geral da ONU, António Guterres, acione o Conselho de Segurança para tomar providências. Guterres estava entre os líderes na plateia e tem na agenda desta quinta uma reunião com o brasileiro. Lula pediu ao governo do Japão, que assumirá a presidência rotativa do Conselho de Segurança, que trate a pausa com urgência. "Também quero pedir aos cinco membros permanentes do Conselho [de Segurança] da ONU que deixem de lado suas di-

ferenças e ponham fim a essa matança", disse, afirmando que 80% dos mortos em Gaza são crianças e mulheres. Após uma fala comparando os ataques do governo de Binayamin Netanyahu em Gaza ao assassinato de judeus na Alemanha nazista, Lula denunciou uma crise diplomática com Israel. O governo brasileiro vem mantendo sua posição crítica, e o presidente reafirmou sua postura, especialmente diante da reação de Israel, que chegou a levar o embaixador brasileiro ao Museu do Holocausto (postura incômoda, vista por diplomatas brasileiros como uma tentativa de humilhação).

Ne discursos da Celac, Lula também os reafirmou, mas não pôde levar a atenção do Conselho de Segurança da ONU para a segurança internacional.